

DIM-PAM-PUM!

DIRECTOR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIII
N.º 645

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SÉCULO
ARCADO

QUEM ERA S.^{to} ANTÓNIO

por MARIA ARCHER

LUÍS — Linda noite! As estrélas, cintilando no céu, os clarões dos fogos de artifício, o som das marchas populares, cantando os seus coros em honra de Santo António! Está-se bem no nosso terraço, não é verdade? (*Ouve-se o ruído dos foguetes, o som dos passos, o estridor da filarmónica e dum cântico popular, em homenagem ao Santo.*)

JOSÉ — Maravilhosamente! Olha, lá vem uma banda de povo com a sua marcha luminosa... Que lindo!

ANA (*emquanto a canção se ouve*) — E que bem que cantam!... Bravo, bravo!

JOSÉ (*ainda dura a canção*) — Schut! Deixa ouvir... Vale a pena.

LUÍS — Dá-me vontade de saltar as fogueiras... Dá-me vontade de cantar também, de correr as ruas atrás deles... (*A canção termina, a marcha afasta-se.*)

ANA — O José, porque consideram Santo António como um santo casamenteiro?

JOSÉ — Crendices... A Igreja venera este santo e manda-nos venerá-lo como a qualquer outro. Santo António não recebeu de Jesus Cristo

nenhuma missão de casar os povos...

ANA — Mas olha que as raparigas julgam que é verdade, que o Santo António tem, em especial, esse poder... Eu sei duma que, quando o noivo se zanga, vai ao oratório e vira o santinho com a cara para a parede...

LUÍS — E quem é ela? Querem ver que és tu? Tu serás capaz?...

ANA (*atrapalhada*) — Eu? Eu não... Olha que idéa... E' cá uma rapariga que eu conheço...

JOSÉ — Pois essa rapariga devia ter juízo e não ofender a imagem dum Santo tão venerável... Isso é o que ela devia fazer...

ANA — Então, ofende-se o Santo obrigando-o a casar a gente?

LUÍS — Pois é claro... Aos santos supplica-se auxílio; não se fazem desfeitas...

ANA — Ali! Olha os pecados em que essa rapariga caiu... Imagina que o ano passado, quando o casamento dela se desmanchou, meteu a imagem do Santo António no poço do quintal, com uma corda ao pescoço e só a tirou quando lhe apareceu outro noivo... três meses depois...

JOSÉ (*indignado*) — Que disparate! Ter a santíssima imagem no poço! Essa rapariga merecia um grande castigo... Se eu soubesse que eras tu... Se eu soubesse...

ANA (*assustada*) — Ai! Não, não era eu! Era a vizinha...

LUÍS — Qual vizinha?

ANA — Aquela que mora ali ao lado... que é loira.

JOSÉ — E eu conheço uma que é morena e trapaceira... Bem, não digas mais nada... (*Ovem-se dois foguetes e música em honra do Santo.*)

LUÍS — Ó José, este Santo António é o mesmo de Pádua, ou há dois Santos Antónios?

JOSÉ — Há só um Santo António. E' o que nasceu em Lisboa, numa casa perto da Sé. Chamam-lhe, também,



Santo António de Pádua, porque em Pádua passou parte da sua vida virtuosíssima,

LUÍS — Mas o povo atribue a este santo méritos foliões e de menos valia... Dizem que ele se ocupa, especialmente, em consertar bilhas partidas, em casar a gente nova, em achar os objectos perdidos...

JOSÉ — Tudo isso são crendices que só revelam a ignorância de quem as tem... A verdade sobre Santo António é esta: — nasceu em Lisboa, perto da Sé, há muitos séculos, creio que no século XII. Entrou para a vida monástica e foi um frade exemplar. O seu convento erguia-se em Coimbra.

ANA — E, então, porque é ele de Lisboa?

JOSÉ — Porque nasceu em Lisboa. Em Coimbra repararam nele por ocasião dum sermão que fez numa pequena festa de Igreja. Acharam-no

(Continua na página 3)





por JUDITE DE OLIVEIRA AFONSO

SERRA árida. Calco um chão duro, pedregoso, com grandes lâjeas a pavimentá-lo aqui e além. Entre penedos brotam, timidamente, giestas e tojos de aspecto bravo. A' esquerda, cheio de vida, cresce um pinheirinho novo — protesto vivo contra a suposta aridez da serra, promessa de riqueza futura, que mão previdente e benéfica plantou. E é tudo.

Para afastar os olhos deste espectáculo desolador, espraio-os longamente pelo cenário que se me depara, anfiteatro colossal de montes que, no conjunto, oferecem um aspecto grandioso. Montes, talvez como este, áridos e desgraciosos mas que, a distância, têm um aspecto arredondado e menos áspero, tal como os defeitos das viaturas que, julgados de longe, nos aparecem diminuídos, anulados até...

Súbito, oiço um chocalhar de rebanhos. Volto os olhos e deparo-os numa imensidade de pequenas manchas brancas e pretas. Que comerão os míseros, nesta terra sêca e ingrata?

Sem profundar a questão e porque sempre senti grande prazer em me ver rodeada por estas ondas vivas, menos



buliçosas e menos perigosas que as do mar, para lá me diriji. A curta distância, parei. O pastor, êsse tipo de homem boçal, de manta e cajado, que sempre acompanha os rebanhos, e a quem quizera dirigir-me para pedir-lhe que contivesse os cães, não estava lá. Em seu lugar, um miúdo, de palmo e meio, guardava o gado. Continuei a avançar mais afoitamente porque os cães, que lhe dormiam aos pés, apenas me lançaram um olhar lânguido e ensonado.

— «Boa tarde!» — disse eu para começar. O pastorinho conservou a mesma postura e os seus lábios cerrados não se moveram para esboçar, sequer, uma resposta, mas

não me admirei. Os hábitos de pequeno selvagem isolado na serra, não lhe ensinavam outra coisa. Os pastores, pela convivência, tomam o olhar fixo e inexpressivos dos animais e habitualmente a sua mudez. Pelo menos, eu assim o julgo. Não desanimei.

— «Quantas cabeças tens?»

O rapaz olhou-me pasmado, atônito e eu considerei que êle podia julgar que eu era cega ou o julgava um monstro, pois não via ali, bem repimpada na minha frente a sua cabeça, a sua única cabeça...

— «Quantas ovelhas tens, quero dizer?» expliquei melhor.

Agora sim, merecia resposta! Falava-lhe no que o interessava...

— «Com as novas, são 160.»

— «Bravo! E guarda-las sòzinho?»

— «Não. O meu Pai é que é o pastor. Eu só ajudo.»

— «E então, onde está êle?»

— «Foi ali abaixo...» E calou-se. No seu arzinho manso, lia-se qualquer coisa de angustioso que afligia naquela idade. Reparei, então, que uma das faces estava fortemente magoada e pisada.

— «Que tens? Que te aconteceu?»

— «Foi o meu Pai...»

— «Oh! Que mau!» exclamei involuntariamente. O seu olhar ergueu-se para mim. Não me compreendia, achava aquilo natural.

— «Não! Foj sem querer!» tentou explicar. A Mãe ralha, o Pai ralha... Êle ia a sair, zangado, empurrou-me e eu caí.»

— «Ah! E porque é que êles ralham assim?»

— «Devemos 180 mil réis ao tio Cósme e não sabemos onde os havemos de ir buscar...»

Incrível coisa! Que cuidados para uma criança desta idade!

— «Êle que espere!» alvitrei eu, revoltada.

— «Tem de ir pagar a décima até quarta-feira e nós temos que lho dar.»

Fiquei silenciosa, a cismar como começa cêdo a ser amarga a vida destes pobrezinhos.

— «É má a vida de pastor, não é?» perguntei eu.

Os seus olhitos pardos, de expressão parada, ergueram-se, novamente, para mim. Ainda, desta vez, não me entendia. Ser pastor fazia parte integrante da sua vida, como o seu narizito levantado, fazia parte da sua minúscula pessoa.

— «Sim! (expliquei eu). Quando fores grande, hás-de ir para longe, ganhar mais dinheiro. Podes ir para a África, por exemplo, onde se ganha muito. Ficas rico e depois já ajudarás o teu Pai e já êles não ralharão, queres?»

Êle ouvia-me atentamente e ficou imóvel. Por fim, abanou a cabeça e respondeu, firme:

— «Não!»

— «Não? Não queres? Porquê?» tornei, fingindo admiração.

— «Não quero deixar a *Farruca!*» respondeu. E, dum salto, fugiu-me, indo aninhar-se a distância, abraçado carinhosamente a uma ovelha, dum negro baço, a mais feia por certo das que pastavam, nessa tarde, naquele pedaço de serra inculta.

A NOSSA CONSTRUÇÃO PARA ARMAR, A TRÊS CORES

Cá está hoje, meus amiguinhos, a parte restante da nossa construção que, assim, fica completa. Podeis, pois, começar a construí-la; mas, antes, dois conselhos: prestai muita atenção às instruções que se seguem, e, sobretudo, cuidai de as executar com limpeza.

Não há nada mais feio, podem crêr, do que uma construção enxovalhada, suja de cola e, às vezes, até de tinta. Cuidadinho, pois, e mãos à obra:

Principiem por fazer a colagem das duas folhas em cartolina forte, comprimindo-as, depois, dentro dum livro grosso para colar melhor.

Pôsto isto, recortem, em cartão, um rectângulo com as medidas indicadas na figura 1, ou sejam 21,cm1 de comprimento por 8,cm de largo e abram-no, depois, pela altura que lá se vê. Ficam, como verão, um rectângulo de 13,cm7 e uma outra figura, quasi quadrada, com 7,cm4. Esta peça, que é a base, arma-se como se vê na fig. 2.

Recortem, agora, também em cartolina, duas outras peças iguais às n.ºs 1 e 2, decalcando-as com papel vegetal, sem a decoração, é claro, cujo papel colareis em cartolina.

Como vêm é simples.

Não se esqueçam das patilhas que são muito precisas para a colagem. Nestas, duas peças serão coladas, as n.ºs 3 e 4. Armem, em seguida, tudo isto como se vê na fig. 3. As 5 e 6 colam-se nas peças 1 e 2, e nas duas iguais que vocês fizeram, bem como as duas patilhas nas costas. Vejam a figura 4. Armem, depois, as escadas, colando-as nas letras que se vêem nas peças 3 e 4. A peça n.º 7 será colada no seguimento da escada. A n.º 8 é colada sobre as costas da base. Colem, agora, o «resplendor» ou seja a peça 9 na parte de trás das cabeças do Santo e do Menino.

O Santo António, bem como os castiçais são apenas recortados e assentes nos sítios respectivos.

Por último, as flores ou antes as patilhas inferiores, que lá se vêem, são coladas nas costas das jarras, conforme se verifica na figura 5.

Estas serão coladas nos sítios que melhor parecerem aos meninos, por exemplo: — nas escadas, etc.

E pronto!

Nada mais é preciso para, quem for habilidoso, construir este «TRONO», que ficará muito interessante.

QUEM ERA SANTO ANTONIO (Continuado da página 1)

eloqüente e com grande poder de sedução sobre os fiéis. Nessa altura, seguia uma missão cristã para Marrocos com o fim de evangelizar os povos bárbaros e os crentes na religião de Allah. O frade eloqüente, que ainda não era Santo, foi escolhido para ir levar a palavra divina aos marroquinos. Partiu para Marrocos e com os seus companheiros sofreu tormentos, insultos, escravidão, riscos de vida...

ANA — Então os marroquinos atormentaram o Santo? A êle mesmo, em carne e ôsso?

JOSÉ — A êle mesmo, ao próprio Santo António. Os missionários que prégam aos povos bárbaros, sofrem sempre os horrores da maldade humana. Muitos perdem a vida. Na história da humanidade, ergue-se, como exemplo de heroísmo, o exemplo dos missionários. E, então, nesse tempo, era perigosíssimo ir a Marrocos pregar o amor do Deus, dos cristãos, como Santo António fez...

LUÍS — E porquê? Nesse tempo os marroquinos eram mais civilizados do que hoje, formavam um império forte, onde florescia as artes e as ciências do seu tempo. Hoje são mais bárbaros... Portanto, agora, é pior...

JOSÉ — Mas estavam em guerra aberta com os cristãos da Península Ibérica! Lembra-te de que, nesta altura, ainda o Algarve estava em poder dos moiros de Marrocos e que periodicamente se faziam invasões, razias, ataques entre moiros e cristãos! E atrever-se a ir a um país inimigo...

ANA — ... Inimigo de raça e de religião...

JOSÉ — Dizes bem, Ana. Ir a um país inimigo de raça e de religião, ir a esse país pregar uma doutrina de amor pelo Deus dos seus adversários, foi um acto de heroísmo que desafiou

o martírio. Depois disso, Santo António foi para Pádua, cidade italiana, e entrou num convento da mesma ordem do seu convento de Coimbra, e desenvolveu aí as extraordinárias qualidades de pregador que o notabilizaram entre os luminares da Igreja católica.

LUÍS — Então, a verdade sobre



Santo António é muito diferente do que se julga... O Santo foi, acima de tudo, um extraordinário pregador...

JOSÉ — Sim. Além das suas virtudes de eleição, Santo António ficou na História da Igreja como um pregador de eloqüência divina!

ANA — Mas dizem para aí que Êle prégava aos peixinhos...

JOSÉ — Tu a creditas em tôdas as patranhas... E, comtudo, é fácil de perceber que a lenda se formou com a fama do Santo pregador. Significa ela que Santo António era tão elo-

qüente que até dos irracionais se fazia entender. Essas lendas, em torno de Santo António, são a sua consagração popular...

LUÍS — Ó José, e que história é essa de Santo António ter sido militar? Na praça de Santo António, em Cascais, está uma lápide que conta ter Santo António assentado praça no regimento 19 de infantaria...

JOSÉ — Referem-se à imagem de Santo António, da especial devoção desse regimento... E' à imagem, não ao santo em pessoa...

ANA — E dizem lá muita coisa, na tal lápide, e que em 1814 Santo António foi promovido a coronel, por distinção, por ter ajudado o regimento a vencer...

JOSÉ — Tudo isso são manifestações da muita devoção pelo Santo português.

ANA — E que história é essa de Santo António ter salvo o pai da força? Estava êle em Pádua a pregar...

JOSÉ — Estava êle em Pádua, a pregar, e um anjo avisou-o de que, em Lisboa, seu pai ia a caminho da força, por castigo dum delicto que não cometera: — a morte dum homem.

ANA — Ah! Que horror!

JOSÉ — E Santo António, por milagre divino, consegue desdobrar a sua personalidade, vir a Lisboa, instantaneamente, salvar o pai da força, e mesmo obter do morto a revelação do assassino... Entretanto, em Pádua, os fiéis continuaram a ouvir a voz do Santo pregar... a vê-lo mesmo... em carne e ôsso...

ANA — Talvez o anjo ficasse no lugar de Santo António...

JOSÉ — Talvez... Foi um milagre, e um milagre não se explica. Devemos amar muito este Santo, porque é mais nosso, portugueses como nós... (Ouvem-se músicas, canções, foguetes) — Olha, lá vem outra marcha!...

O PRÍNCIPE E A FADA

POR DIOGO ALVARO

HOUVE, há muitos séculos, um príncipe que era filho do rei das «Cem Batalhas». Andando, uma tarde, a passear com o pai no meio de um bosque, viu uma rapariga muito linda, caminhando para êle, e perguntou-lhe:
 — «Donde vens tu?»
 E ela respondeu:
 — «Venho de um lugar onde se vive sempre, onde não há morte, nem tristeza, nem maldade.»

O rei ouviu esta voz, mas como só via o príncipe, perguntou-lhe muito admirado:

— «Com quem estás falando, meu filho?»
 Foi ela que respondeu:
 — «Com uma linda mulher, que nunca há-de ser velha e que viverá sempre. Eu morro de amores pelo teu filho, e quero levá-lo comigo para êsse lugar onde todos são felizes. Acompanha-me, ó príncipe, e lá também reinarás algum dia.»



O rei das «Cem Batalhas», ouvindo aquela voz mas não vendo quem lhe falava, amedrontou-se, chamou muito de rijo pelo seu mágico e ordenou-lhe, depois de lhe explicar o que era passado:

— «Quebra-me, quanto antes, êste feitiço. Se não me vales, as bruxas levam meu filho!»

Então o mágico fez seus encantos, voltado para o sítio donde vinha a tal voz, e ninguém mais a ouviu. O príncipe deixou de ver a linda rapariga.

Mas, no próprio instante em que desapareceu, ela deu-lhe uma maçã. A partir daquele dia, passou-se um mês sem que na boca do príncipe entrasse coisa alguma a não ser a tal maçã. Mas apenas lhe tirava um pedaço com os dentes, a maçã ficava outra vez inteira. E quanto mais o tempo ia correndo, mais crescia no príncipe o desejo de tornar a ver a linda rapariga.

No dia em que justamente o mês se completava, indo o filho do rei, pelos campos, ao lado do pai, viu-a outra vez e ficou muito alegre. E ainda mais se alegrou quando lhe ouviu dizer:

— «Porque não obedeces à minha voz? Porque não vens comigo para o lugar onde o prazer dura sempre, onde não existe a morte? Lá conhecem-te bem, ó príncipe, e por isso te mandam chamar. Vem comigo!»

O rei ouviu-a e mandou vir, novamente, o mágico. Então a rapariga disse-lhe:

— «O teu mágico nada vale, ó rei que venceste cem batalhas, em comparação do poder que me trouxe até aqui.»

O rei notou que, desde o começo da sua fala, o príncipe não respondia a mais ninguém senão à rapariga e perguntou-lhe:

— «Filho, é ao teu espírito que ela diz aquelas coisas?»

— «Muito pesar tenho, (respondeu o príncipe). Gosto do meu povo acima de tudo, mas sinto em mim um desejo que me leva para aquela mulher.»

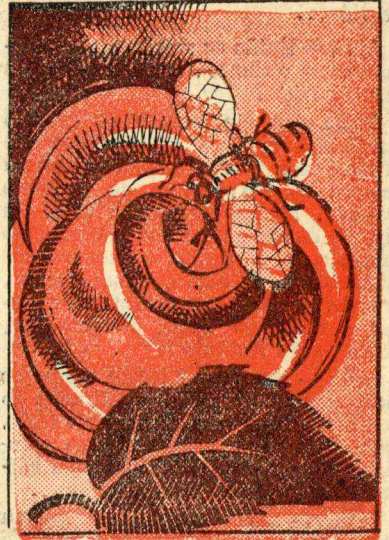
Apenas ela ouviu isto, disse:

— «O mar é muito mais fraco do que as vagas do teu desejo. Anda comigo,

(Continua na página 7)

OS NOSSOS CONCURSOS

ENCONTRAI RIMAS E FIXAI CONCEITOS



Tive, agora, uma lembrança:
 As abelhas imitai;
 Com sossêgo, ordem, conf....
 O mel do bem fabri...!

Que neste tindo torrão,
 As crianças e os adultos
 Trabalhem pela N....
 Sem desordens, sem tum....!

A HISTORIA DE DOIS PINTASSILGOS

POR VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA

UMA manhã, quando o filho do caseiro da quinta grande se encaminhava para a horta, viu umas bolinhas de penas a estremecerem no chão. Eram dois pequeninos pintassilgos.

Com mil cuidados, pegou neles. — «Ó Manuel, o que tens tu aí na mão?!» — indagou, dum janela, o Júlio que viera passar as férias à quinta do pai:

— «São dois pintassilgos, muito lin-



dos. Naturalmente, foi o vento desta noite que os fez cair do ninho.»

— «Dá-me um. Vou metê-lo na gaiola dourada que era do canário. Tanta sorte não esperava êle!»

— «Pois sim, menino. Eu fico, então, com o outro.»

Assim foi.

Na grande varanda do palacete, o



Júlio pendurou a linda gaiola com o seu pintassilgo.

Mesmo em frente, na modesta casa do caseiro, numa velha gaiola de arame, estava o do Manuel.

Na sua linguagem de passarinhos, — gorgeios tão lindos que nem parece que possam dizer cousas feias — os dois manos pintassilgos começaram a falar um com o outro.

E que diziam êles em trinados tão repenicadinhos?

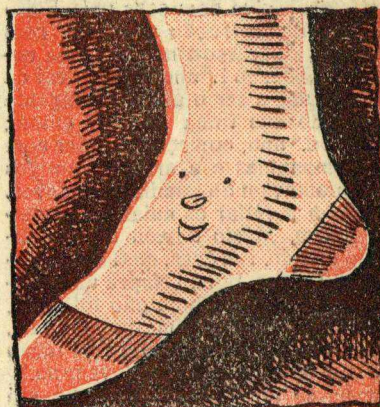
O pintassilgo do Júlio, enchia o ar com a sua soberba, pois a tóda a hora repetia: — «Vê como estou rico? Vivo num palácio opulento! O sol só nasce

(Continua na página 6)

A MEIA E O SAPATO

por LAURA CHAVES

AQUELA meia tão fina, de seda côr-de castanha, supunha que a sua sina era ter sorte tamanha que até nem temia a morte, isto é: agulhas e linhas... pois sentia-se tão forte, firme nas suas malhinhas, que quando o senhor sapato a vez primeira a calçou, altiva, num espalhafato, desta forma lhe falou:



— «Sapato de polimento, porque te chamam polido? Palavra, tal tratamento parece-me descabido!

Mas que me importa se és duro, se é grosseira a tua pele?» — E sem pensar no futuro começou a andar com êle...

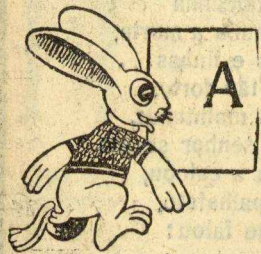


Um passo para diante, depois mais dois e mais três... e vai, nesse andar constante, aconteceu, certa vez, o que já era sabido, uma coisa muito feia: o tal sapato polido fez um buraco na meia.

(Continua na página 7)

QUERER É PODER

Por Adozinda Martins Pinto



história que vos vou contar, pequeninos leitores, é verdadeira e passou-se com um menino do meu conhecimento.

Chama-se Mário e vive com seus pais. Feito o exame de instrução primária, com distinção, ingressou numa escola comercial onde, no 1.º ano, deu provas de de continuar a ser o aluno inteligente e aplicado que tinha sido até então; mas, no 2.º ano, começou a andar com más companhias e a arranjar amigos que o afastavam do caminho do dever, levando-o a faltar às aulas dias inteiros. Assim, Mário deixou de se aplicar ao estudo. Em casa, quando o mandavam estudar, tinha sempre uma desculpa: o professor hoje não foi... Ou, então, a lição ficou a mesma. Os pais, porém, como nunca tinham tido razão para duvidar d'ele, acreditavam-no.

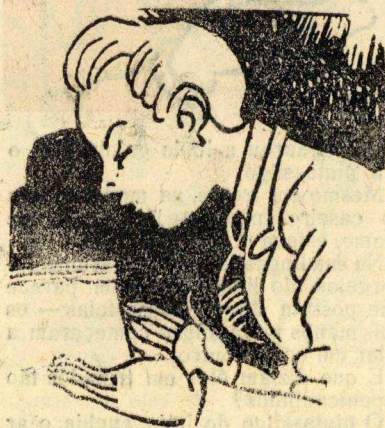
Assim se foi passando o tempo, até que, chegado o fim do ano, as notas começaram a ser negativas e então é que Mário conheceu toda a extensão do seu erro. O pai, ao tomar conhecimento de tão grande falta, não lhe bateu; deu-lhe, somente, uma repreensão muito branda, mas Mário preferiria, certamente, que o pai lhe batesse, do que ver a expressão de desgosto espalhada nas suas feições, ao dar-lhe essa repreensão que, embora branda, feria profundamente, pois via que o pai tinha razão.

Depressa o assaltaram os remorsos e, numa noite, a sós com a sua consciência, julgou-se com severidade de juiz, censurando-se de ter tido a fraqueza de seguir esses maus companheiros e de não ter tido coragem para os afastar de si; mas Mário tinha, muita vez, ouvido dizer aos seus professores que nunca é tarde para o bem



e, logo, pediu a Nossa Senhora, sua madrinha, que o protegesse, prometendo a si mesmo renunciar para sempre

fôr que o afaste das aulas, pois êle responde altivamente:— «Não quero!» E baixinho murmura:— «Obrigado, minha boa madrinha!»



às más companhias. E, assim, conseguiu vencer, porque querer é poder.

Hoje é, como outrora, o melhor aluno da aula. Escusam de o desafiar para a brincadeira ou seja para o que

Meus meninos, nunca vos deixeis arrastar, pelas más companhias mas se, por infelicidade, a algum de vós suceder já o mesmo que ao Mário, retroceda, porque nunca é tarde para entrar no caminho do dever.



A HISTÓRIA de DOIS PINTASSILGOS — (Continuado da página 5)

para fazer brilhar, como raios de ouro os varões das paredes que me cercam! Repara no vistão que eu faço! Pobre de ti, coitado! Triste vida deves passar em casa tão pobre, sem conforto algum! Aqui tenho criados que me servem a alpista e me mudam a água do bebedouro.»

Num chairear alegre, o pintassilgo do Manuel, respondia:— «Não me lastimes! Sinto-me muito feliz na minha casa pobrezinha. O meu dono trata-me com todo o carinho. Não tem, como o teu, brinquedos caros, por isso, sou tudo para êle! Logo de manhãzinha, me vem dar os bons dias e à noite cobre-me a gaiola, com medo que me

constipe. Podia perder a voz e êle tanto gosta de me ouvir!... Agora estou eu ensaiando uma nova ária para lhe cantar.»

E sem ligar mais importância ao antipático irmão, trinava uma linda cantiga para alegrar o seu amigo Manuel. Ao verem o pouco interesse que o menino prestava ao pintassilgo, os criados do palacete foram desmanzelando o arranjo da gaiola.

Dias houve em que o pobre passarito passou fome e sede e quantas noites tiritou de frio, porque o deixaram ao relento.

Agora, já não se atrevia a levantar a voz, apregoando a opulência e bem

estar do palácio em que vivia e até desviava a vista para não presenciar os mimos que o Manuel da caseira dava ao seu mano pintassilgo.

Certa noite, em que ficara abandonado na varanda, viu brilhar na escuridão duas lanternas fosforescentes:— os olhos dum gato vadio.

De terror, as suas peninhas tôdas se arripiaram.

Uma pata peluda forçou a porta da gaiola que ficara mal fechada e nas garras de feroz bichano acabou os seus dias o pintassilgo orgulhoso, enquanto, na sua humilde gaiolinha, o outro continuou a viver vida alegre e descuidada.

Curiosidades



OS GATOS E O COZINHEIRO

Quatro gatos entraram nesta cozinha e furtaram da travessa, que se vê em cima da mesa, uma galinha que o cozinheiro se preparava para servir. Este, furioso, arma-se duma espingarda e procura os larápios, como vêdes. Mas eles esconderam-se.

Serão vocês capazes de os descobrir?



Reparem os nossos amiguinhos neste senhor tão patusco e especialmente, na cartola que ele tem na cabeça.

Que lhes parece? Acham que esta cartola seja mais alta do que larga?

Estou mesmo a ouvir alguns: — Pois claro, então não se vê logo!?

Estão muito enganados. A cartola é tão alta como larga! Trata-se simplesmente de uma ilusão de optica que os nossos leitores podem verificar com um compasso.

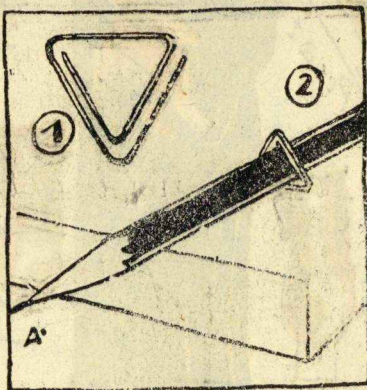
CURIOSIDADES

Uma das coisas mais desagradáveis para quem escreve ou desenha, é que a caneta ou o lápis, rebolando, caiam no chão, estragando os bicos e, muitas vezes, inutilizando a escrita ou o desenho.

Estes precalços podem evitar-se, utilizando um destes segura-papeis triangulares muito usados nos escritórios, (figura 1).

Trata-se de o alargar um pouco e enfiar nêlo o lápis ou a caneta, como mostra a figura 2.

Com este simples dispositivo ficam impossibilitados de rebolar, e, por conseguinte, de causar prejuizos.



A MEIA E O SAPATO

(Continuação da página 5)

Ouviu-se uma voz mimalhas, choramingando, carpir:

— «Agarrem-me, manas malhas, e não me deixem cair!» —

Mas lá marchou perna acima com mais três, de cambulhada, e a tal meia, a obra prima, ficou inutilizada!

O que lhe valeu ser nova, ser forte, ser destemida, se o sapato a pôs à prova usando-lhe força e vida?

Nunca vos passe de ideia esta verdade evidente: o sapato fez à meia o que o tempo faz à gente.

O PRÍNCIPE E A FADA (Continuação da pág. 4)

para a minha resplandecente barca de cristal, que é mais veloz que o pensamento. Vamos para o reino onde a vida não acaba. Olha! O sol já vai a esconder-se, mas podemos lá chegar antes que anoiteça de todo. Anda comigo e gozaremos eterna alegria!»

Mal a rapariga acabava de falar, o príncipe afastou-se dos seus e correu para a barca de cristal, resplandecente e mais veloz que o pensamento.

Então, o rei e toda a côrte viram a barca deslizar por cima das ondas muito brilhantes, direita ao sol que se escondia. E cada vez corria mais, corria mais, até que desapareceu de todo. E ninguém tornou a ter notícia do príncipe nem da linda rapariga, que, pelo modo, era uma fada e que o levou não se sabe para onde.

CONCURSOS QUINZENAIS DE POESIAS E CONTOS INFANTIS

Foram classificados com menção honrosa os seguintes contos e poesias, relativos à 6.ª Quinzena dos nossos concursos:

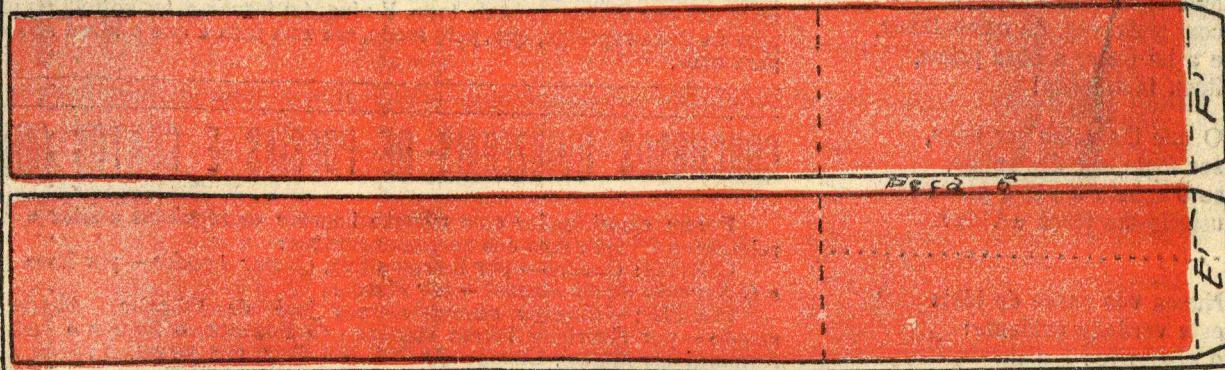
CONTO: *Quadro* — por Beiroa altiva, *Querer é poder* — por Rosa Morena e *O Segrêdo do tio Manuel* — por Marcos.

POESIA: — *Castigo merecido* — por José de Oliveira, *Maldades do mundo* — por Henrique Tôrres Machado da Fonseca, *o Bêbé e o Anão* — por António Dias Miguel, *Canção do Pim-Pam-Pum*, por Jorjyal, *A Maior riqueza*, do mesmo autor e *A única resposta* — idem.



2ª folha
UM TRONO

por TAVARES TINTO



CONSTRUÇÃO PARA ARMAR